

José Galbinsky aponta problemas e soluções

Em sua palestra sobre o tema "Brasília - uma visão arquitetônica", o professor José Galbinsky, da Universidade de Brasília, procurou apontar os principais problemas da cidade e sugerir medidas para o planejamento de seu desenvolvimento. Disse o professor que a estrutura espacial de Brasília obedece a um jogo de quatro escadas: a monumental, a gregária, a cotidiana e a bucólica.

"A escala monumental distingue Brasília como a capital do país e confere à cidade seu caráter simbólico nacional. Esta escala, definida especialmente pelo eixo que a contém, é entendida pelo autor como 'monumental, não no sentido da ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa. Seus elemen-

tos são simples: a organização hierárquica dos blocos ministeriais conduz, não sem antes diversificar e enriquecer a linguagem com a inclusão da Catedral e do Itamarati à culminância simbólica da Praça 'onde os Três Poderes da democracia são oferecidos ao povo... A localização do centro administrativo neste eixo e não no centro geográfico - como destaca Lúcio Costa - não só singulariza o projeto em relação a outras capitais que conhecemos, como vem a preservar a cidade de vários conflitos entre funções urbanas".

"A escala gregária corresponde a um amplo setor, onde confluem os dois eixos que ordenam Brasília - o rodoviário-residencial e o monumental. Nesse setor, a proposta inicial buscava, numa intuição profundamente embasa-

da no conhecimento da realidade social brasileira, integrar uma estrutura urbana inovadora com velhas tradições e sentimentos de nossa gente, de uso do centro como espaço para o encontro, como marco de referência e de manifestação, como ambiente em que aflora o estilo próprio de ser da população".

Para o professor, "talvez seja este um dos mais sentidos problemas de Brasília. O centro foi deturpado em sua essência. O que se fez até agora, não passa de uma série de equívocos, que contrariam, frontalmente, na forma e no conteúdo o espírito do Plano Piloto".

A escala bucólica seria a dimensão na qual o habitante de Brasília iria ao encontro da natureza, para enriquecer seu lazer e repor o necessário equilíbrio entre o meio

"artificial", representado pelo espaço construído pelo homem, e o meio "natural". Entretanto, diz Galbinsky, "a nobreza da intenção não foi entendida. Habitados a viver em espaços exígios, das cidades tradicionais, confundiu-se o jardim domesticado com o agreste, as distâncias visuais das superquadras com o horizonte do planalto e, aproveitando-se disso, houve a privatização do planejado bem comum".

A escala cotidiana é a que abriga as atividades de trabalho e habitação. A proposta inicial de Brasília previa basicamente dois grandes setores, as superquadras e as habitações geminadas, aos quais foi logo acrescentado um terceiro, correspondente às habitações individuais e a intenção do autor previa que a diferen-

ciação dos estratos sociais ocorresse ao abrigo das superquadras, através da aplicação de normas e regulamentos, orientados para variações de densidade de ocupação, de tamanho das unidades e qualidade dos materiais aplicados. "Não obstante, as leis de mercado e interesses de especulação, se anteciparam à própria implantação do plano impedindo a concretização destas intenções".

"Como resultado disse Galbinsky - a cidade, que havia sido pensada em termos de possibilitar uma integração democrática entre seus diversos grupos sociais, viu expulsos para as periferias amplos setores de sua população. O quadro habitacional de 'Brasília 1980', exibe uma imagem nítida dessa segregação".

Edson Grossi: Arquitetura é fruto de um momento histórico e ajuda a definir esse momento

O superintendente da Novacap, arquiteto Edson Grossi de Andrade, ao proferir palestra ontem, no Seminário "Brasília Anos 80" sobre o tema "Brasília - Uma Visão Arquitetônica", disse que o tema "faz partir da idéia básica de que arquitetura é fruto também de um momento histórico, ao mesmo tempo que ajuda a definí-lo". Das cabanas dos índios, passando pelos casarões espanhóis e portugueses ao marco do início de um novo tempo, à construção do Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, em 1963, "chego assim, como a provar o desenvolvimento do meu país, do povo do meu país, da inteligência do meu país, a Brasília".

Para o arquiteto, passados 20 anos da inauguração da cidade, "a arquitetura de Brasília continua a surpreender o mundo, a estarrecer os que a visitam e os que, aqui vivendo, têm sensibilidade para redescobri-la a cada momento". Porém, diz Grossi, "a obra arquitetônica, o edifício, a criação prodigiosa de Oscar Niemeyer, puderam desprender-se e projetar-se com todo vigor, a partir das linhas mestras do Plano Piloto de Lúcio Costa, aquele que,

ao iniciar a exposição de sua proposta, apresentava-se "não como um técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples maquis do urbanismo".

"Os resultados", continua, "ainda parciais deste trabalho vêm configurando-se numa arquitetura igualmente inovadora, onde a liberdade das formas e a originalidade das idéias propostas fazem da cidade uma obra que, por certo, causará espanto e admiração às futuras gerações, assim como empolgou aos pioneiros que se empenharam, não sem os maiores sacrifícios, na construção da cidade, e assim como entusiasma a quantos aqui vivem".

Apontou como solução revolucionária a idéia das superquadras, que "reverteu as expectativas sombrias de deterioração das relações humanas, provocada pelo adensamento populacional. A fixação dos gabaritos de seis andares com pilotis "é uma idéia de rara felicidade, pois, propiciando adequada proteção à vida quase íntima de uma vizinhança, proporciona ao pedestre o trânsito

livre e seguro, com uma visão mais profunda dos espaços internos da quadra, através dos pilotis. Resta ser concretizada a criação de cinturões de árvores de porte, circundando as quadras e preservando, assim, a privacidade e intimidade dos moradores".

Sobre os projetos dos edifícios públicos, disse que foram tratados com tamanha liberdade formal que cada um "representa uma obra de arte, individualmente, ao mesmo tempo que todos fazem parte de um conjunto de conceitos extremamente criativos. A importância desses novos conceitos, ressalta Grossi, deve-se ao "extraordinário desenvolvimento de nossa técnica do concreto armado, das soluções construtivas criadas pela engenharia brasileira em face dos desafios propostos pelas audaciosas formas concebidas para os edifícios". Destacou a importância do trabalho do engenheiro e poeta Joaquim Cardozo "para tornar exequíveis projetos até então sem precedentes".

O superintendente da NOVACAP alertou os arquitetos que atuam em Brasília para que "se dêem conta da singularidade

dessa situação, pois, sendo a cidade vasto campo de pesquisa, há que se pensar com cuidado na observância da simplicidade, no respeito às determinações urbanísticas, na necessidade de economia e pouca ostentação, na funcionalidade, na beleza da forma. Tais cuidados poderão evitar que se produzam, no futuro, desvãtuamentos inconsequentes do plano original".

Apontou como distorções ao plano original do projeto de Lúcio Costa a utilização pouco racional do que seria o centro social urbano de Brasília, os setores de Diversões, Norte e Sul. Com relação à estação rodoviária, disse que "hoje, com o movimento multiplicado, transformou-se quase que numa grande garagem, problema também de difícil solução a esta altura, tendo em vista tratar-se de ponto central de toda a trama de transportes coletivos, para uso de uma população que ultrapassou todas as expectativas de crescimento estabelecidas à época da concepção".

Segundo o arquiteto, a liberdade de formas e a originalidade das idéias estabeleceu em Brasília

um novo tipo de vida. No entanto, disse que "não é possível aceitarmos sem dor as dificuldades enfrentadas pelas populações mais carentes, compelidas pela necessidade a se fixar nos pontos mais afastados das cidades - satélites, este sim, um grave problema, como sabemos. As cidades - satélites foram previstas para serem iniciadas apenas quando o Plano Piloto atingisse sua ocupação total, seriam pois, as satélites, as áreas previstas para futura expansão da cidade".

Disse que o governo está preocupado em estudar, equacionar e resolver os problemas das cidades - satélites.

Ao concluir o trabalho, afirmou o superintendente da Novacap que "a experiência extraordinária da concepção e da criação de Brasília, que assombrou a humanidade, estabeleceu definitivamente novos rumos para a arquitetura brasileira. Após Brasília, nada tem sido como antes, nem para o próprio Oscar, que reconhece, em escrito recente, ter sido em Brasília que sua arquitetura se fez mais livre vigorosa — nem para a arquitetura de modo geral."

Costa sugere reformulação urbana sem residir no DF

Após as conferências, o presidente da mesa, Aziz Cury, abriu aos participantes do seminário debate sobre o tema "Brasília, uma Visão Arquitetônica". Das perguntas que chegaram até a mesa, a maioria foi dirigida ao Superintendente da Novacap, Edson Grossi. A primeira delas dizia respeito ao urbanista Lúcio Costa, criticado por continuar dando sugestões aos projetos de reformulação urbanística da cidade, mas sem concretizar de fato os problemas, por não estar residindo em Brasília.

A crítica, o superintendente da Novacap respondeu que "Lúcio Costa tem méritos e está preocupado que seu projeto seja concluído. Acrescentou, porém, que o urbanista admite que seu plano seja repensado, mas nunca 're-mendado'.

Outra crítica, em forma de pergunta, foi dirigida ao GDF, através de Edson Grossi: não seria o GDF o principal responsável pelo não cumprimento dos planos de construção da cidade? Como exemplo, citou a construção das casas no Lago, "principalmente as residências oficiais", que não respeitam os limites das áreas verdes. Edson Grossi respondeu que a Novacap, juntamente com a Secretaria de Viação e Obras, está solicitando a desobstrução das áreas não permitidas. Disse também que não é o GDF o maior responsável pelo desvirtuamento do plano inicial e sim a própria população na sua convivência social".

Quanto à construção dos prédios do Banco Central e Banco do Brasil, considerados pelo formulador da pergunta como

"obras faraônicas", disse Grossi acreditar que tenha havido um estudo de ocupação da área pelos órgãos nesse sentido. Quanto ao GDF, a preocupação é de que as obras sejam as mais racionais e baratas possíveis. Como exemplo, citou o Centro de Polícia Especializada, "construção de arquitetura simples e racional".

A última pergunta dirigida a Edson Grossi colocou a questão de liberação de verba para a conclusão do estádio de futebol ao invés da conclusão do Hospital da Asa Norte. Grossi, elogiando a pergunta, disse que, ao contrário, a "prioridade para liberação de verba é para o Hospital Distrital da Asa Norte". Explicou, no entanto, que a conclusão e obras de reparo do estádio de futebol são reclamadas pela própria "comu-

nidade. Acrescentou também que, dentro de 20 dias, estarão sendo abertas as cartas de licitação para continuação da obra do hospital e que os recursos já foram alocados num total de 34 milhões de cruzeiros.

Ao chefe do Departamento de Urbanismo da UnB, José Galbinsky, foi perguntado se o GDF já havia definido a localização para indústrias leves e pesadas e por que ainda não existem, nas cidades-satélites, sedes de órgãos públicos do segundo e terceiro escalões. Galbinsky respondeu que "a posição do GDF é promover a implantação das indústrias leves e não-poluentes nas cidades-satélites e as indústrias pesadas na região geoeconômica". Sobre sedes públicas de segundo e terceiro escalões nas cidades-satélites o ar-